

Rastros e camuflagens *queer* na Comunicação¹

Para Igor Sacramento e Vince (*in memoriam*).

Tem² um conto do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu que começa assim: “chamava-se Harriett, mas não era loura. As pessoas esperavam dela coisas como longas tranças, olhos azuis e voz mansa. Espantavam-se com os ombros largos, a cabeleira meio áspera, o rosto marcado e duro, os olhos escurecidos”. A contradição da descrição que Caio Fernando Abreu faz da personagem no conto *Harriet* do livro *Os Dragões Não Conhecem O Paraíso* (1988) – a expectativa e a realidade, o que se espera e o que se tem, os ombros largos e o rosto marcado – faz dessa personagem uma espécie de síntese-conceito do que seria o *queer* numa perspectiva ficcional. Um desvio de rota, de narrativa, de uma forma de querer que as coisas sejam de um jeito e elas são de outro. Mas ao final, em meio a esses desejos e reparações numa breve descrição, o autor arremata: “Harriett ficava sozinha o tempo todo. Mesmo assim, as pessoas gostavam dela”. Tem uma coisa meio desconcertante nesta apresentação de personagem. Algo entre o desejo e o arrependimento, como um vacilo no modo de observar alguém. É um rosto, mas poderia ser outro. É um cabelo, mas poderia ser outro? É uma vida: e se fosse outra?

O *queer* tem algo de errático. A descrição sobre Harriett continua. O narrador agora está numa estação de trem – quer algo mais cena de novela? – e presencia o momento em que Harriett está indo embora: “acho que senti pena – e acho que ela sentiu que eu sentia pena dela, porque de repente fez uma coisa completamente inesperada. Harriett desceu do trem e me deu um beijo no rosto. Um beijo duro e seco. Qualquer coisa como uma vergonha de gostar”. Pausa para um detalhe: um beijo no rosto, o gesto inesperado, o beijo seco. “Essa foi a primeira vez que eu vi os pés dela”, situa o narrador. “Estavam descalços e um pouco sujos. Os pés dela eram

¹ Trabalho desenvolvido com apoio da FAPERJ – Programa Nota 10.

² Revisado por Isabela Peclat e Thaís Rodrigues.

os pés que a gente esperava de uma Harriett. Pequenos e brancos, de unhas azuladas como de crianças. Eu queria muito ficar olhando para seus pés porque achei que só tinha descoberto Harriett na hora dela ir embora. Mas o trem se foi. E ela não olhou pela janela”. Harriett ganha um artigo indefinido: uma. Não é “a”, não é “ela”. Uma. Qualquer e muitas. Harriett é um rastro, um rastro *queer*.

Um rastro designa um vestígio deixado por uma ação, presença ou acontecimento, algo que permanece após o desaparecimento de algo que o produziu. O rastro é, antes de tudo, uma presença da ausência — indício que permite reconstruir relações, práticas, memórias ou sistemas simbólicos que já não estão inteiramente disponíveis. O rastro é o que resta quando o evento passou, mas ainda fala – silenciosamente – de sua existência. O rastro, portanto, seria uma categoria epistemológica, que romperia a ideia de que o conhecimento depende da presença direta do sujeito, havendo uma valorização da interpretação de fragmentos, sinais e resíduos como fontes legítimas de saber. O rastro convida a olhar para o não-dito, para o esquecido e o apagado nas narrativas históricas e culturais. Pesquisadores, escritores, artistas seriam intérpretes de rastros, não buscando uma verdade/laudo/sintoma, mas compondo cartografias do que restou pelo caminho.

Ao propormos a edição do dossiê *Rastros queer na Comunicação* na revista Eco-Pós, apostamos em dois movimentos: o primeiro, que celebra os 30 anos de Teoria *Queer* no contexto da Comunicação no Brasil e suas articulações a partir de leituras interdisciplinares interartes; e um segundo que questiona o que ainda quer dizer *queer*. Quais rastros-vestígios tornam o *queer* um conceito em mutação nas suas inúmeras e possíveis apropriações a partir de seu deslize para o *cuir* e suas camuflagens? A nossa proposta é explorar as ressonâncias do termo pelo olhar comunicacional, no mapeamento de saberes dissidentes sexuais e de gênero em uma direção midiática, considerando ir além do *queer* como mera apreensão de um termo anglófono, mas como uma espécie de conceito-performance, que se territorializa e desterritorializa, assumindo diferentes acoplagens nos corpos nos vínculos do

comum. Afinal, como seria pensar a comunicação transcultural da *Arkhé* em Sodré (2017) pela performance educando com o cu de Lustosa (2023)?

É interessante pensar no que há no “através” da teoria queer pela Comunicação, porque como nos lembra Sousa, Colling e Casteleira (2024) os estudos *queer/cuir* seguem em uma transformação que não se percebe recente atualmente. Sem adentrarmos em uma revisão dos estudos *queer* e suas correntes nos Estados Unidos e a partir do gesto dos autores de enfatizarem a centralidade do gênero na notoriedade da obra de Judith Butler no Brasil, buscamos o comunicacional no que retorna do debate tido como *pós-queer/cuir* e até mesmo *anti-queer*, sobretudo, em uma resposta dos feminismos negros, trans e decoloniais. O termo *pós* é utilizado não como linearidade, mas como uma ideia de ir além do debate *queer* estabelecido no país. Inclusive, quando citam a controversa história do surgimento do *queer* no Brasil, Sousa, Colling e Casteleira (2024) primeiro citam a abordagem de Miskolci (2012) que argumenta em torno da autoria de Louro (2001), tida como uma das principais difusoras no contexto educacional do pensamento butleriano no país e, em seguida, citam a perspectiva de Souza e Benetti (2016) que articulam o quanto antes mesmo do texto de Guarcira Lopes Louro, publicado na revista *Estudos Feministas*, autoras como Karla Bessa e Tânia Navarro e do mesmo modo autores como Mário César Lugarinho e Denilson Lopes já no final da década de 1990 publicaram textos sobre o *queer*.

É interessante a visão dos autores através da lente de Mombaça (2016) que nos faz pensar que o *queer* desde o Brasil tem uma historicidade distinta da que ocorreu nos Estados Unidos, tendo em vista a inversão da teorização e da ética, quando no nosso país foi o oposto, pois pensamos em uma ética e articulamos sua teorização. Houve o que os autores inferem de uma relação brancocentrada do *queer* estadunidense sem reflexões locais, com exceções de quando citam alguns textos de Lugarinho (2001), Lopes (2002), Pelúcio (2012) e Pereira (2012). Mobilizados por Vergueiro (2015) e Kury (2021) a partir da ideia de CIS-tema, os autores articulam a necessidade de pensar um *pós-queer* para além de uma perspectiva

única brancacisheteronormativaelitistacapacitista e que transite tanto por criações poéticas quanto teóricas. “Mas, existiria um cuir sudaca, latino, mestiço? E, caso ele exista com premissas políticas éticas de deslocamento dos corpos, sujeitos, sexualidades e gênero, seria possível conjecturar uma teoria pós-queer/cuir?” (Sousa, Colling, Casteleira, 2024, p. 9). Similar a essa leitura, mas em uma história pessoal que retoma o seu primeiro contato com teoria *queer* em Nova York no ano de 1995, Lopes (2023, p. 147) defende fala da emergência da teoria no Brasil e defende que o “gênero e seu corolário deveria desaparecer. Por isso transitei para o campo das sensações, dos afetos e das sensibilidades e não tanto dos conceitos, dos slogans e palavras de ordem”.

Dessa forma, buscamos possíveis rastros desse debate pós-*queer/cuir* na Comunicação, como se proferíssemos o *Bafo 5* de Lustosa (2016) ao propor a realização compulsória “do tratamento hormonal e esculturas vaginais nos corpos” (Lustosa, 2016, p. 397) no “comum” (Sodré, 2014) que envolve o pensamento comunicacional enquanto uma posição filosofia de escavamento de suas frequências não-binárias. O campo da Comunicação tem sido um particularmente importante para a fricção e não estabilização de usos do *queer* porque, em alguma medida, parte de sua gênese deriva de uma obra seminal que pautou os debates conceituais nos estudos comunicacionais: *O Homem que Amava Rapazes* (2002) de Denilson Lopes. Diferentemente de abordagens meramente “importadas” da tradição anglófona, Lopes (2002) constrói uma reflexão situada, em que o pensamento *queer* se entrelaça com questões da literatura, da estética e da política dos afetos, abrindo espaço para paisagens transculturais e afetivas da diferença sexual. Aqui, vale fazer algumas pontuações: a dimensão do ensaio no livro, em alguma medida, “queeriza” a escrita acadêmica, criando salutares ranhuras e rasuras nas formas estabelecidas de circulação científica.

O lançamento de *O Homem que Amava Rapazes* trouxe um salutar debate para o campo da Comunicação, que, na ocasião no início dos anos 2000, pautava-se por uma agenda que procurava uma certa especificidade das abordagens de pesquisa na

área – o midiático? – em disputa com olhares para a Comunicação a partir de uma ciência do comum, do cotidiano e de ecos de um deslocamento das teorias dos Estudos Culturais britânicos e latino-americanos para o contexto brasileiro. A obra de Denilson Lopes desloca o debate de um eixo identitário – centrado na afirmação política do “ser gay” – para um campo mais complexo de experiências e emoções, apostando num novo léxico que incorpora a sensibilidade e a imaginação como capazes de instaurar novos modos de estar no mundo e novas estéticas da existência.

Ao recorrer à literatura, ao cinema e à cultura pop, Denilson Lopes embaralha as gavetas (os armários?) da área da Comunicação no Brasil, evidenciando as intersecções entre investigação estética e desejo sob formas ambíguas e melancólicas, marcadas pela tensão entre visível e invisível, público e privado, prazer e perda. A abordagem foi central para a consolidação dos Estudos *queer* na área da Comunicação porque reconfigurou e turvou os limites da pesquisa, ou seja, propôs pensar o *queer* como uma espécie de categoria estética, como pensa Sianne Ngai, e política que atravessa o cotidiano, discutindo a coexistência entre desejo e silêncio, corpo e linguagem, erotismo e política. *O Homem que Amava Rapazes* também amplia o escopo da crítica cultural ao introduzir a ideia de que o afeto seria uma epistemologia sensível que questiona o racionalismo heteronormativo, fornecendo um vocabulário teórico e afetivo próprio para pensar o *queer* no Brasil. Se pensarmos *O Homem que Amava Rapazes* como rastro *queer*, como poderíamos tomar esta obra quase 25 anos depois?

Então, iniciamos nosso dossiê com a primeira palestra proferida por Richard Dyer no Brasil que aconteceu no dia 13 de maio de 2025 durante o curso de extensão “A arte na festa, a festa na arte”, ministrado pelo professor Denilson Lopes, no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo (USP). Aos 80 anos e em conversação com o público, o professor emérito em Estudos de Cinema do King’s College de Londres revisitou o seu texto seminal “*In defense of disco*”, publicado originalmente em 1979 no número oito da revista socialista britânica *Gay Left*. No

texto *Em defesa da disco, 40 anos depois*, Richard Dyer falou do choque que o levou a escrever o texto, trazendo a experiência gay não só a partir da construção de políticas de esquerda nos anos de 1980, mas do diálogo intergeracional entre divas que vão de Judy Garland a Lady Gaga a citar *A Star Is Born* (1954; 2018).

Em seguida, o próprio Denilson Lopes (UFRJ) entra como autor convidado deste dossiê com o texto *Queer contra o gênero*, uma espécie de ensaio-manifesto com respostas, confrontos e deslizos sobre o que pode ainda o *queer* como conceito e sua reentrância nos ciclos acadêmicos. Como saberes trans, travestis e não-binários, negres e ativistas, inclusive pela indisciplina, podem evidenciar deslocamentos sobre esta obra tão central para o campo da Comunicação no Brasil? Quando terminou *O homem que amava rapazes* (2002), ele conta que vinha cada vez mais o desejo de diluir o sujeito em função da linguagem, da paisagem do texto, de uma escrita mais imagética, objetiva, material, não impessoal, mas no sentido de deixar as imagens falarem no lugar de expressões e sentimentos. Hoje, embora mais levado pelas palavras do que pelas imagens, nos apropriamos deste rastro inelutavelmente *queer* em sua escritura.

Em seguida, discutimos em *Dragficar a Comunicação: interações entre corporalidades queer* de Carlos Camargo Mendonça (UFMG), a possibilidade dos efeitos éticos e estéticos das expressões em si a partir da cena musical drag brasileira, considerando a criação de formas tanto de ver a si quanto ao mundo, sendo o gesto de “dragificação” um fenômeno comunicacional. No texto *Queer as Folk: gaycidade e experiências do transbordamento na cultura pop* (traduzido por Henry Fragel), Ariel Gómez Ponce (CONICET/UNC) reflete sobre a icônica série televisiva como uma espécie de objeto-conceito capaz de demonstrar as relações sempre ambíguas entre sujeitos *queer* e visibilidade midiática, apontando a “gaycidade” como dispositivo hermenêutico e regulador para corpos em sistemas comunicacionais. Em *Travecas travessas: vozes dissidentes na cena pop-periférica*, Leonardo Silva Maciel e Larissa Pelúcio (UNESP) analisam as performances do trio travesti Travecas Travessas na cena musical de Bauru, São Paulo, de 2023 a 2024,

discutindo um “ativismo transfeminista” a partir de uma “estética da putaria” no contexto pop-periférico.

No processo de ressignificar a obscenidade e a indecência por meio de mídias menores e gestos efêmeros, em *Pornô subversivo: o movimento de arte pornô durante a abertura democrática no Brasil (1980-1982)*, Alejandro Munera (Pontificia Universidad Javeriana) contextualiza e analisa as estratégias midiáticas do Movimento de Arte Pornô (MAP) durante o processo de redemocratização no nosso país a partir de 1980, relacionando a crescente circulação da pornografia *hardcore* na América Latina diante do período de transição política e conservadorismo moral. De modo relacional, o texto *Zazá: rastros de uma vida queer nos arquivos de repressão* de Vinícios Ferreira (UFRJ) provoca uma escrita histórica da homossexualidade a partir do testemunho de Zazá, personagem documentado em pesquisa criminológica publicada em 1939, desafiando uma cronormatividade da historiografia tradicional que organiza, classifica e hierarquiza sujeitos homossexuais nas primeiras décadas do século XX. Em *Diálogos entre estudos lésbicos e teoria queer nos periódicos da Comunicação no Brasil*, Paula Silveira Barbosa, Dayane do Carmo Barretos, Raabe Cesar Moreira Bastos, Kellen do Carmo Xavier e Joana Ziller (UFMG) mapeiam artigos publicados com o termo lésbica no campo da Comunicação e defendem que, quando esses textos se apoiam em concepções interseccionais escapando aos moralismos e/ou criticando a homonormatividade, se aproximam mais de uma perspectiva *queer* e provocam um campo comunicacional, sobretudo, pelas lesbianidades e suas epistemologias do corpo, tema ainda pouco explorado na nossa área.

Em *Reparação de dados e tecno-resistência trans no projeto Eu Existo*, Noah Souza Rosa e Kérley Winques (UFJF) situam a dimensão de tecno-resistência a partir dos estudos *queer* no campo das tecnologias digitais, buscando analisar como grupos LGBTQIAPN+ têm se organizado para enfrentar as desigualdades impostas pelos sistemas algorítmicos, tendo em vista o projeto *Eu Existo*, uma parceria entre o grupo Égalitrans, a agência Publicis Brasil e a ONG Casarão. Nessa esteira, em *Para*

um desenho do próprio corpo: *Deslocando códigos visuais cisheteronormativos*, Juliana Torezani e Rian Santos (UESC) relacionam *queer* e design a partir do exercício de experimentação intitulado *Tecnomorfo*, livro-objeto que traz questões pertinentes sobre corporalidade e linguagem visual, levando em conta o processo de construção poético e criativo da obra. Ainda, em *Contraconduta de gênero e corporeidade intersexo no remake de Renascer: O estabelecimento de novas subjetivações a partir da telenovela*, Diego Gouveia Moreira, Adriana Santana e Maria Bianca Samara de Menezes Torres (UFPE) analisam o remake de *Renascer*, exibido na Rede Globo em 2024 a partir da personagem Buba e da introdução de Cacau, mobilizando através da telenovela o debate sobre a intersexualidade e experiências dissidentes.

Em *“Eu sou um boiolo muito desbocado”*: a crítica literária amadora entre criadores de conteúdo LGBTQ+ e a arte queer do fracasso, Jonas Maria Siqueira Vilela e Issaaf Karhawi (USP) analisam criadores de conteúdo LGBTQIAPN+ e resenhas críticas de obras na internet, tanto com o objetivo de definirem o que seriam essas resenhas literárias digitais realizadas por criadores quanto de endossarem os sentidos da crítica literária hoje. Na lente do fracasso, João Victor de Sousa Cavalcanti (UFPE) no texto *Corpos que fracassam: Comunidades imaginadas e sujeitos artificiais em Inferninho*, analisa o filme *Inferninho* (2018) de Guto Parente e Pedro Diógenes a partir do artifício e da fantasia, seguindo a hipótese de que a obra mobiliza um conjunto de estratégias relacionadas ao fracasso e os modos de vida queer. Em *“Bixa Preta” no Instagram: masculinidades negras homoafetivas em (des)continuidade*, Geovane Pereira da Silva (UFPI) e Michel Alves Ferreira (UFG) discutem expressões de masculinidades negras homoafetivas, através da “Bixa Preta”, que descontinuam um conjunto de concepções normativas da virilidade na rede social.

Por fim, em *Monstros nunca morrem: Estética do colapso e subjetividades queer na ópera monstruosa Mayhem on the Beach, de Lady Gaga*, Leonardo Mordzenski (UFPE) analisa o show da cantora no Rio de Janeiro em 2025 e o define

como uma “ópera monstruosa” que articula colapso, espetacularização e fabulação especulativa, tendo em vista como o monólogo “*Monsters never die*” se insere em uma cultura pop como tessitura de linguagem de resistência entre fratura e excesso. No texto *Arquiteturas das masculinidades: corpos históricos em contato*, Cassiana Stephan, Marcelo Massucatto e Thiago Ranniery (UFRJ) desenvolvem a ideia de “arquiteturas das masculinidades” a partir do contato entre corpos considerados históricos, analisando os romances *Socorro!: estou morrendo de AIDS* (1987) de Adelaide Carraro, *Putas* (2021) e *Folle* (2004) de Nelly Arcan, no sentido de articularem como essas obras invertem jogos de espelhos entre masculinidades e feminilidades. E, em *Hiperanthropia: Metáforas sobre HIV/AIDS no quadrinho Pillow Talks*, Felipe de Albuquerque, Nataly Costa e Octavio Aragão (UFRJ) analisam a história em quadrinhos *Pillow Talks* (2022) de Sasyk a partir da construção da *hiperanthropia* como metáfora para o HIV/AIDS, focando na relação de Nico e Dazai, personagens da obra.

Na seção de entrevistas, publicamos *Anjos, putas, bichas e a pornoliturgia punk de Bruce LaBruce sentam num bar* que traz uma conversa de Ribamar Oliveira (UFRJ) com Bruce LaBruce, pioneiro do movimento *queercore* e diretor canadense, que nos lembra de uma Toronto punk, no final dos anos de 1980, e nos faz tocar em um tipo de “pornoliturgia” pelos mundos apocalípticos que ressurgem em sua obra. Nas resenhas, temos a leitura de *um corpo que escreve é um corpo que fode: o legado de Kathy Acker na autoficção de McKenzie Wark* por Henry Fragel, *Estudos queer na contramão do elitismo acadêmico: “Poor queer studies”*, de Matt Brim por Pedro Félix Pereira Moura e, enfim, *O Brasil de Jack Smith* por Andréa Almeida de Moura Estevão que enfeixam um conjunto de reflexões sobre o *queer* a partir de uma filosofia para aranhas, da reflexão sobre uma pobreza *queer* e do encontro entre Jack Smith e Hélio Oiticica.

Tivemos a oportunidade de traduzir pela primeira vez para português um fragmento do livro *Disidentifications: queers of color and the performance of politics* (1999) de José Esteban Muñoz possível pela autorização e pelos direitos autorais

cedidos pela University of Minnesota Press. A introdução do livro, *Performando Desidentificações*, traduzida por Ribamar Oliveira e Henry Fragel (UFRJ), retoma a ideia de desidentificação através dos rastros *queer* latino-americanos, reverberando um dos núcleos de pensamento sobre utopias mais originais dentro dos Estudos de Performance. A noção de desidentificação seria uma estratégia de sobrevivência e resiliência cultural de sujeitos *queer* e racializados diante de um sistema cis-hegemônico-normativo. A desidentificação, para o autor, operaria como um processo de torção, tradução e reapropriação de iconografias do poder, funcionando como um terceiro modo estético-performático: uma forma de trabalhar *com* e *contra* as estruturas simbólicas existentes nas Artes e nas mídias. A tradução do texto de Muñoz tenta racializar o debate *queer*, no sentido de esgotá-lo em direção a uma dimensão utópica, propondo um gesto poético que pode nos ajudar a recriar um comum que tem como núcleo constitutivo as dissidências no lugar próprio da Comunicação, o que reitera a relevância do Departamento de Performance Studies da New York University (NYU), um dos principais centros irradiadores de um frescor intelectual que consolidou o *queer* numa nevrálgica relação com o campo da performance, onde se capilarizaram na Academia Brasileira em diversas áreas – desde as reflexões de Richard Schechner e Peggy Phelan até as leituras mais amplas e transversais da performance como propostas por Diana Taylor, Fred Moten e André Lepecki. Muñoz atuou como professor e pesquisador até sua morte, em 2013, e sua presença como figura-ponte foi decisiva para consolidar um espaço de interseção entre teoria *queer*, estudos raciais, estética e política.

Ainda, contamos com a tradução de um texto de Esther Newton, pioneira nos estudos antropológicos de sexualidade, que foi possível com a autorização e os direitos autorais da Duke University Press, sendo também esse o primeiro texto dela para o português. Em conversa com o tradutor, Vinícios Kabral Ribeiro (UFRJ), ela contou que ficaria feliz de ter esse texto do *Margaret Mead made me gay: personal essays* (2000) traduzido, sinalizando que possivelmente o *Mother Camp: Female Impersonators in America* (1972) também deva ser traduzido em breve por Carlos

Eduardo Henning e Glauco Ferreira através da editora Papéis Selvagens. Inclusive, a recepção da obra de Esther Newton é mencionada por Vinícios Kabral pelo trabalho de Henning que fez a entrevista “O charme sapatão de Esther Newton” e a resenha da obra *My Butch Career: A Memoir* (2018), anteriormente publicado na *Estudos Feministas*. Em *Tracy, a Detetive Sapatona, e a Rainha do Baile: poder e representação lésbica no Cherry Grove Gay*, Esther Newton nos leva para Cherry Grove, em Fire Island, e nos lança em festas e performances. É como se o baile entrasse no dossiê a rainha tivesse que ser definida na leitura, como no *catwalk* acadêmico sublinhado pelo tradutor. Nós observamos Joan Van Ness e acompanhamos tensões e alianças que se moldam pelo fio de uma etnografia que nos constitui. Tida como “rainha do baile antropológico”, Newton abre pistas que fazem os rastros de uma detetive sapatona que não só esgarça geologias *queer*, mas nos coloca contra uma cronormatividade pelo olhar interdisciplinar da Antropologia e da Comunicação.

O nosso portfólio é uma memória que reluz através da publicação póstuma de poemas de Vincente de Paula que foi uma artista, jornalista e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a tese “Sexual, Ancestral e Territorial: confluências entre margens anticoloniais do Piranhão”. Em maio de 2025, aos 35 anos, Vince se encantou e nos deixou, além de sorrisos em batom vermelho, profanações desde um Piranhão pelo cuir e as suas múltiplas grafias. Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Vince era mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e fez do trabalho acadêmico um espaço de contestação. Além disso, possuía projetos artísticos, musicais e performáticos como o “Bixanikas” com o DDD, Deboche, Desbunde e Desobediência, em parceria com Nego Val, e engajamento jornalístico na área de Comunicação Comunitária em periódicos como Ocorre Diário. Vince era margem d’água que continua a correr entre nós, sereia de um Piranhão que persiste e vai ascender a luz da teoria *queer* pelos Nordeste por vir. Assinado pelo seu ex-orientador, *Vince, o Piranhão e o cuir* traz dois

poemas originais e três desenhos concedidos pela sua família e através do seu irmão, Tercio, que nos fez ponte de solidariedade nesse mergulho na obra póstuma de Vince.

Por fim, nosso dossiê não poderia ser aberto sem as palavras de Rhayller Peixoto que faz da memória pista de dança na lembrança do querido professor Igor Sacramento, que nos deixou também precocemente em abril de 2025. Aos 41 anos, Igor era professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ), pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/Icict/Fiocruz) e cursava o pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris, na França. Embora tenhamos muitas palavras para falar do Igor, pelas discussões em sala de aula e pelos bailes na madrugada, Rhayller Peixoto nos preenche com todas elas com o texto que lembra a própria tese e a contribuição teórica dele. *Nos Tempos de Igor Sacramento: biografia comunicacional das salas de aula às pistas de dança* fala sobre a orientação de cinco anos que foi de vida com Rhayller, costurada por três pontos em comum: as telenovelas, a docência e a pesquisa entre homens gays negros na academia.

Quando lemos o conjunto de textos, imagens e reflexões aqui reunidos neste primeiro dossiê *queer* da Eco-Pós, talvez nos deparemos com uma acepção do termo como uma espécie de camuflagem conceitual na Comunicação. A camuflagem seria o ato de ocultar-se para sobreviver, disfarçar-se no ambiente ou dissimular identidade para não ser percebida, podendo designar estratégias sociais, culturais ou políticas de invisibilidade, dissimulação ou adaptação diante de relações de poder assimétricas. O *queer* se camufla de cuir na tentativa de evidenciar os mecanismos de disfarce, negociando dentro de contextos de dominação, vigilância ou exclusão. A camuflagem *queer* designaria o conjunto de estratégias performativas, discursivas e estéticas mobilizadas por sujeitos LGBTQIAPN+ para gerir sua visibilidade e segurança em contextos normativos, hostis ou potencialmente violentos, propondo enxergar a invisibilidade como forma ativa de

agência política, em que o disfarce, o silêncio, o desvio e a ironia operam como táticas diante das lógicas normativas.

A ideia de camuflagem *queer* se inscreve nos Estudos de Performance, articulando-se com o pensamento de Butler (2003), para quem o gênero é um ato performativo reiterado dentro de regimes normativos; com Muñoz (1999), que propõe a desidentificação como expressividade parcial e desviada das normas em direção a devires utópicos e também como Halberstam (2020) para quem as “subculturas da falha” seriam modos de escapar às expectativas de sucesso e legibilidade impostas pela cultura heterocentrada. A camuflagem *queer* emerge, assim, como um dispositivo de negociação entre o desejo de existir publicamente e a necessidade de autoproteção, aproximando-se da ideia de opacidade formulada por Glissant (2021), em que a autonomia epistêmica e existencial passa pela ambiguidade e pelos não-ditos e espirais de outro tempo (Martins, 2021). Nos eclipses que transmutam as tradições de pensamento, tendo em vista como “a modernidade elabora a complexidade sob aspectos binários, ainda que as espécies e as culturas demonstrem haver incontáveis modos de ser” (Brasileiro, 2022, p. 40), ou nas fabulações do fim (Leal, 2023) por outras tempografias corporais. Este dossiê se alinha à ideia de que camuflagens *queer* e conceituais funcionam como dispositivos de memória e de disputa em que o contemporâneo passa a ser uma espécie de palco marcado por máscaras conceituais – algumas claramente identificáveis, outras permeadas por sombras e luzes difusas. Cabe se perguntar: sob que máscara retornará o recalçado desviado? Talvez, tudo seja sobre a superfície como camuflagem de nós.

Ribamar Oliveira

Thiago Soares

Referências

Dossiê **Rastros Queer na Comunicação**
<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>
ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 2, 2025
DOI: 10.29146/eco-ps.v28i2.28613

ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude**. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

KURY, Bruna. **A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade**. São Paulo: FERALIVRE, 2021.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. **Conceição/Conception**, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2021.

LOPES, Denilson. 20 anos da ABETH e teoria *queer*. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura – REBEH**, v. 5, n. 18, p. 134–147, 2023.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a teoria *queer* para a Língua Portuguesa. **Revista Gênero**. v. 1, n. 2, p. 36-46, 2001.

LUSTOSA, Tertuliana. Educando com o cu: Introdução às pedagogias do corpo e do prazer. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 19, p. 180–192, 2023.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 384–409, 2016.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications: queers of color and the performance of politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 395-418 2012.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 371-394, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUSA, Christian Gustavo de; COLLING, Leandro; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Provocações iniciais para pensar o pós-queer/cuir no Brasil da atualidade. **Conceição/Conception**, v. 13, p. e024005-e024005, 2024.

VERGUEIRO SIMAKAWA, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador: EDUFBA, 2023.